

Desenho dos desenhos e Interpretação (Desenho de cópia)

O exercício de *Desenho dos Desenhos*, ou desenho de cópia, é conhecido na história da arte como fazendo parte da aprendizagem das artes. Este tipo de exercício pressupõe o estudo da expressão e da cultura gráfica do desenho oriundo das belas artes e da arquitetura.

Sabe-se que diversos artistas têm usado esta prática não só durante a sua formação mas também durante o seu processo artístico, como processo de continua aprendizagem e desenvolvimento da linguagem gráfica e plástica. Podemos recordar Cennino Cennini, Leonardo da Vinci, John Ruskin, De Chirico, Alberto Giacometti, para quem, como assumia Cézanne, ou ainda mais recentemente, David Hockney, se trata de «*copiar para ver melhor*»¹.

David Hockney² é um artista que alude à cópia como método de aprendizagem, considerando que quando se copia, trata-se não só de analisar o que o outro apreendeu e transpôs para o papel mas, também, de assimilar a sua técnica e as suas qualidades sensíveis.

A história do exercício de cópia importa a transmissão e a apreensão dos processos, das operações técnicas e sensíveis que cada autor imprime, bem como as próprias derivações resultantes de cada experiência. Aqui, a asserção de Deleuze faz todo o sentido, é na repetição que se encontra a diferença³.

Todavia, a *diferença* no desenho de cópia compromete o desenhador com a atitude de “estar disponível” (em princípio, todo o desenho pressupõe uma disponibilidade inerente ao processo de aprendizagem), ou seja, a

¹ Nas diferentes livros acerca do desenho, de Juan Molina e de Lino Cabezas, e, nos textos aí publicados, encontram-se várias referências: MOLINA, Juan José Gómez (Coord.), *Las lecciones del dibujo*, Madrid: Cátedra, 1995. MOLINA, Juan José Gómez, CABEZAS, Lino, BORDES, Juan, *El manual del dibujo*, Madrid: Cátedra, 2001. MOLINA, Juan José Gómez, CABEZAS, Lino, COPÓN, Miguel, *Los nombres del dibujo*, Madrid: Cátedra, 2005.

² CABEZAS, Lino, in MOLINA, Juan José Gómez, CABEZAS, Lino, BORDES, Juan, *El manual del dibujo*, p. 426.

³ «Talvez o mais elevado objeto da arte seja fazer com que atuem simultaneamente todas estas repetições, com a sua diferença de natureza e de ritmo, o seu deslocamento e o seu disfarce respetivos (...). A arte imita, mas isso acontece, primeiramente, porque ela repete, e repete todas as repetições, conforme uma potência interior (a imitação é uma cópia, mas a arte é um simulacro, ela inverte as cópias em simulacros). Mesmo a repetição mais mecânica, mais quotidiana, mais habitual, mais estereotipada encontra o seu lugar na obra de arte, estando sempre deslocada em relação a outras repetições com a condição de que se saiba extrair dela uma diferença para outras repetições». In DELEUZE, Gilles, *Diferença e repetição*, p. 462.

repetição através da cópia pressupõe que se esteja disponível para aprender as diferenças que os próprios efeitos de repetição oferecem.

Verifica-se, então, que o processamento da cópia implica variadíssimas ações e fenómenos; resultando numa multiplicidade de ações sintáticas e semânticas que envolvem o entendimento da linguagem gráfica. A tentativa de tentar descobrir um gesto gráfico, de perceber o modo como se faz - o desafio de imitar o gesto do outro - produz efeitos de descoberta e permitem inferir a capacidade de distinção e de realização de outras atitudes gráficas.

Neste sentido, o exercício de cópia pode ser multiplicado por outras variações. Alterando o meio riscador mas mantendo-se a mesma atitude gráfica que se utilizou na cópia inicial, produzem-se experiências gráficas e expressivas distintas. Do mesmo modo, alterando-se a dimensão e, ainda, o suporte, produzem-se novos resultados, alargando o campo de investigação e da acção gráfica e plástica (fig. 1). Na expectativa de encontrar diferentes resoluções gráficas, realizam-se assim diferentes experiências através de cópias das cópias, assumindo o exercício como uma interpretação da cópia inicial.



1. Variação de escala e de meio riscador. Esferográfica, lápis de cor preto, pastel seco e tinta preta. A3. Cópia sem ficha técnica. Autor do exercício: José Giro. Ano lectivo: 2012/2013.

Pedagogicamente, o exercício de interpretação da cópia é um outro modo de dar a ver, de assimilar gestos e atitudes, de conhecer novas técnicas e desenvolver outros recursos, bem como um modo de aceder à riqueza de uma cultura visual que a procura de imagens, como as do desenho, suscita.

Assim, a descoberta de uma linguagem gráfica e plástica desenvolve-se pela *imitação* e repetição de gestos, atitudes e expressões gráficas, de múltiplos e diferentes autores; ao mesmo tempo que permite desenvolver uma cultura gráfica visual mais diversificada através da investigação crítica das imagens inscritas na história da arte e da arquitetura.

Este processo constitui-se, em última análise, como um percurso de investigação para o desenvolvimento gráfico de uma linguagem própria, onde se gera, não a mesma coisa, mas outra – a expressão própria - totalmente distinta da que se detinha inicialmente.

José Manuel Barbosa, Outubro de 2015